



COMENTÁRIOS DO GESTOR

+ ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE

Economia Norte-Americana

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, segue rapidamente no caminho de adotar e aprofundar práticas mercantilistas, aposentadas desde o final do século XIX. Vale ressaltar que a fragmentação econômica global não se iniciou agora, esse processo vem caminhando lentamente desde o início da crise financeira global de 2008 e a crise da dívida pública da Zona Euro em 2012. O que o presidente Trump faz agora é amplificar muito rapidamente esse movimento e colocar a economia global rumo a uma mudança drástica de regime.

Essa carta é baseada nas informações públicas que temos até o dia 07/04/2025. Como o presidente Trump pode rapidamente mudar de ideia, é necessário esse disclaimer.

O mais novo desenvolvimento dessa mudança de regime foi o grande anúncio de Trump no dia 02/04/2025. Neste evento foram divulgadas as “tarifas recíprocas” que os Estados Unidos adotarão nas importações de bens de outras economias. Em ordem de relevância, as novas tarifas serão de 34% para importações chinesas, 20% para os bens advindos da União Europeia, 24% para importações japonesas, dentre outros. O Brasil ficou com uma tarifa mínima global de 10%.

Como o Escritório do Representante Comercial dos Estados Unidos chegou neste valor? A abordagem simplista chamou a atenção. Primeiro utiliza-se uma fórmula básica para calcular qual a tarifa que as outras economias aplicam a bens norte-americanos. Rearranjando a fórmula utilizada, a tarifa é o déficit comercial americano sobre o nível das importações de cada economia.

Vamos ver um caso prático: a China. O volume das exportações dos Estados Unidos para a China em 2024 foi de aproximadamente 480 bilhões de dólares. Já as importações americanas para a China no mesmo período foi de 160 bilhões. Como tínhamos levantado, a fórmula utilizada foi: déficit comercial / importações. Trocando as variáveis, o resultado é: 320 bilhões / 480 bilhões, ou 0,67. Ou seja, por esta conta foi concluído que as tarifas que a China impõe sobre os Estados Unidos é 67%. Por fim, o órgão comercial pegou essa relação de 67% e dividiu por 2, chegando no resultado que a tarifa recíproca a ser adotada pelos Estados Unidos deveria ser de 34%. Exatamente a informação que foi divulgada por Trump.

Essa fórmula para chegar a esse resultado não faz sentido. O valor de 0,67 nada mais é de qual é o percentual do déficit comercial vis-à-vis às importações. Essa informação não fornece nenhuma evidência que a tarifa chinesa média é de 67%. Segundo os próprios dados da Organização Mundial do Comércio, a tarifa média da China para produtos norte-americanos é de 7,0% e a tarifa ponderada pelas importações é de 4,9%. Ou seja, um número completamente diferente ao do divulgado pelo Trump e muito inferior.

Isso posto, qual o resultado dessas tarifas para a economia dos Estados Unidos? A economia se reindustrializará? Dois conceitos econômicos poderão ajudar na análise, um é a (i) teoria das vantagens comparativas e o segundo é a (ii) fronteira de possibilidade de produção.

A teoria das vantagens comparativas é um princípio econômico que explica como o comércio entre países pode ser benéfico, mesmo quando um país é mais produtivo. Foi desenvolvida pelo economista David Ricardo no século XIX. Essa teoria demonstra que as economias se especializam em setores onde o custo de oportunidade é menor.

Por exemplo, o Brasil é muito eficiente em produzir soja e os Estados Unidos é muito eficiente em produzir aviões. Mesmo que os Estados Unidos sejam mais eficientes em produzir ambos, ainda assim o custo de oportunidade é menor e o retorno marginal é maior em produzir aviões.

CARTA MACROECONÔMICA

É um caminho natural das economias de se especializarem em setores onde o custo de oportunidade é menor e os retornos marginais são maiores. Qualquer interferência nesse processo resulta em ineficiências alocativas de capital e destruição de riquezas.

Esse conceito está intimamente ligado ao segundo ponto, que é a fronteira de possibilidade de produção, que mostra todas as combinações possíveis de produção de finitos bens que uma economia pode produzir em larga escala usando todos os seus recursos de forma eficiente.

Colocando a conjuntura atual, se o presidente Trump busca trazer de volta a indústria do aço para os Estados Unidos, as empresas não o farão porque o custo de oportunidade é alto, o retorno marginal tende a ser menor e existe a limitação da própria fronteira de produção. Se para reativar a indústria do aço necessita-se uma migração de mão de obra e capital de outros setores mais produtivos, a macroeconomia sofre perda de eficiência e de riqueza. A consequência final será um crescimento potencial menor.

Diante disso, caso mantida a guerra tarifária, esperamos um cenário estagflacionário para a economia norte-americana. O crescimento da economia se abrandará do atual patamar de 2,5% para um crescimento abaixo de 1% nos próximos 12 meses devido a esse intenso choque de oferta, com as empresas tendo dificuldades na produção e no acesso a outros mercados. O consumidor sentirá essa menor oferta. O Nowcast do PIB do primeiro trimestre de 2025 do Federal Reserve de Atlanta começa a dar pistas desse cenário, apontando para uma retração provocada pelo aumento das importações e pelo arrefecimento da demanda interna.

A segunda derivada é via aumento de preços. O choque tarifário elevará os custos de produção e dos insumos industriais. Ou seja, mesmo que o consumo interno arrefeça os componentes ligados à choques de demanda dos índices de inflação, acreditamos que os choques de oferta serão sentidos em maior magnitude nos próximos meses. Com isso, a inflação norte-americana caminhará para o patamar de 3% ou 4% no horizonte de 1 ano. As expectativas de inflação de curto prazo continuarão elevadas e acima da meta do banco central, enquanto as expectativas de longo prazo cederão, precificando um menor crescimento potencial.

Nesse cenário, é improvável que o Federal Reserve faça algum movimento brusco de redução das taxas de juros nos próximos meses. Nessa incerteza elevada, qualquer redução de juros pode fazer com que o custo da desinflação se torne muito maior no futuro próximo, caso a inflação não apresente convergência. Esperamos que haja alguma flexibilização devido às expectativas de crescimento, mas acreditamos que os preços de mercado indicam um certo exagero na queda projetada em 2025 (indicando uma taxa de juros de 3,25% para o final do ano).

O desempenho dos mercados dos EUA demonstra esse cenário. No mercado de juros soberanos, como existe a expectativa de desaceleração econômica, as taxas estão cedendo de uma forma significativa. A taxa nominal de 2 anos que iniciou 2025 em torno de 4,25% está atualmente em 3,68%, fechamento de 57bps. Já a taxa nominal de juros de 10 anos arrefeceu de 4,58% para 4,01%, fechamento de 57bps, no mesmo período. No mercado de juros reais, a taxa para 5 anos arrefeceu de 2,00% para 1,38%, no mesmo período.

Por fim, no mercado acionário, o S&P 500, o Nasdaq, o Dow Jones e o Russell 2000 recuam 13,7%, 19,2%, 9,9% e 18,1%, respectivamente no ano em dólares. Já o dólar se enfraquece frente a outras moedas, o DXY recua 5,0% em 2025.

Economias Europeias

A política protecionista de Donald Trump fragilizará o crescimento do bloco europeu. Para a União Europeia foi imposto uma tarifa de 20% sobre as suas exportações para os Estados Unidos,

CARTA MACROECONÔMICA

enquanto o Reino Unido foi tarifado em 10%. Realizando uma relação entre o crescimento atual das economias da Zona do Euro (mais Reino Unido) e a dependência das exportações para os Estados Unidos na pauta total, as mais vulneráveis aos atuais choques econômicos são, em ordem de magnitude (considerando o tamanho da economia): (i) Áustria, (ii) Alemanha e (iii) Itália. Porém, o espaço para políticas fiscais contracíclicas ainda é elevado para a maioria das economias da Europa. Desse grupo vulnerável acima, apenas a Itália encontra-se com uma dívida pública elevada perante o grupo.

Como a política fiscal e a monetária contracíclica adotada demanda um tempo para surtir efeito, é provável que veremos uma recessão técnica no bloco europeu ao longo de 2025.

Nesse cenário, o European Central Bank deve continuar flexibilizando a política monetária. Atualmente a principal taxa de juros do banco central está atualmente em 2,50%, e espera-se que caia para próximo de 1,75% até o final de 2025. Já para o Bank of England, a taxa de juros atual está em 4,50% e o mercado projeta uma redução para 3,75% até o final de 2025.

Os mercados europeus também evidenciaram essa fuga global de risco. As taxas de juros de 2 anos da Zona do Euro recuam de 2,01% para 1,82% no ano, enquanto as taxas de 10 anos avançam de 2,43% para 2,65%. No mercado de dívida corporativa, os spreads high yield denominados em euros avançaram de 3,11% para 3,79% em 2025.

No mercado acionário, o Euro Stoxx 600 apagou boa parte da alta no ano, acumulando agora retorno de 3,0% em dólares. Já o FTSE 100 inglês avança 0,2% no ano, em dólares.

Economia Chinesa

Dois dias após Donald Trump anunciar tarifas de 34% sobre as suas importações, a China não demorou e anunciou a retaliação sobre importações americanas, com tarifas de 34%. O governo chinês também anunciou que vai impor controles sobre a exportação de terras raras para os EUA, que são um conjunto de matérias-primas difíceis de encontrar pelo mundo, mas são a base para a produção de muitos bens de alta tecnologia, como chips para celulares e computadores.

A posição chinesa naturalmente é mais confortável. Como uma autocracia fechada, o presidente Xi Jinping não enfrentará a pressão popular para ceder com uma possível piora no sentimento da população. A economia da China já enfrenta uma crise imobiliária persistente, deflação crônica e uma guerra comercial cada vez mais intensa.

Algumas semanas atrás em seu relatório, o primeiro-ministro da China, Li Qiang, anunciou a mesma meta oficial de crescimento econômico do ano passado: cerca de 5%. Ele também forneceu um catálogo de dez “tarefas principais” para o ano seguinte. Modernização industrial, autossuficiência tecnológica e expansão da demanda doméstica foram todas destaque. Mas estimular os gastos domésticos foi elevado da terceira prioridade no ano passado para a principal tarefa para 2025.

Li Qiang também citou que estabilizar o mercado imobiliário é fundamental e que está lutando para encontrar uma solução. Os proprietários não têm mais certeza de que seus apartamentos manterão seu valor. E os compradores de imóveis que pagaram adiantado não estão mais confiantes de que sua propriedade será construída. Esses medos contribuíram para a falta de demanda e meses de preços em declínio.

Para compensar tarifas e deflação, a economia da China precisa de um estímulo mais forte. A maioria do mercado esperava um impulso fiscal extra neste ano de cerca de 2% do PIB ou mais. Isso seria o suficiente para impedir que a deflação piorasse, embora provavelmente não muito

mais. Mas o número oficial envia um sinal importante. A China tentou manter o déficit oficial em 3% do PIB ou menos, de acordo com as normas internas. Agora, espera-se um déficit de 4%.

Em dólares, o índice acionário CSI 100 das Bolsas de Xangai e Shenzhen recua 5,30%, no ano.

Economia Brasileira

A economia brasileira continua demonstrando sinais de arrefecimento econômico ao longo de 2025. No mercado de trabalho, a taxa de desemprego ajustada sazonalmente chegou às mínimas em outubro de 2024, em torno de 6,39%. Em fevereiro, a taxa subiu para 6,66%. Na mesma base de comparação, a criação de emprego média trimestral passou de 320 mil empregos para 30 mil empregos. Na decomposição por categoria de emprego, observamos que a quase totalidade do arrefecimento foi devido ao setor informal de trabalho agregado, que geralmente começa sentir os efeitos da desaceleração econômica mais instantaneamente do que o setor formal de trabalho. Fato que reforça ainda a elevação da renda média real habitual do trabalho, que mesmo em um cenário de aumento no desemprego, a renda média continua subindo. Entre outubro de 2024 e fevereiro de 2025, o indicador per capita passou de R\$ 3.219 para R\$ 3.284.

As pesquisas mensais do IBGE também confirmam essa desaceleração da demanda doméstica. A indústria apresentou estabilidade na produção em janeiro e retração de 0,1% em fevereiro. No setor do comércio, o volume caiu 0,1% em janeiro e no setor de serviços a retração foi de 0,2%, destaque para os serviços prestados às famílias, que caiu 2,4% somente no primeiro mês de 2025.

A probabilidade da demanda interna se expandir num ritmo parecido com o do ano passado (em torno de 3,0%) é pouco provável. Além dos dados de crescimento setoriais, os indicadores de confiança do consumidor apresentaram piora no início de 2025. Além disso, os indicadores do mercado de crédito apontam para um alto grau de alavancagem das famílias e os indicadores de apetite de concessão de crédito por parte do sistema financeiro recuou nos primeiros meses de 2025, segundo dados do Banco Central do Brasil. O próprio BCB reduziu a estimativa da expansão do crédito em 2025, de 10% para 7% em termos nominais.

Aliado aos impactos da guerra comercial global que provavelmente arrefecerá num primeiro momento a demanda por bens brasileiros, observaremos um esfriamento da economia brasileira. Esperamos que a expansão econômica em 2025 será em torno de 1,5%, taxa abaixo da expansão em 2024, que foi de 3,5%. Acreditamos que o PIB potencial brasileiro ainda está em torno de 1,5% a 2,0%. Ou seja, provavelmente cresceremos em linha com o potencial de longo prazo em 2025.

No âmbito inflacionário, o IPCA-15 mostrou uma variação de 0,64% em março, frente à expansão de 1,23% em fevereiro. O índice de difusão da inflação manteve-se em torno de 67% entre os dois últimos meses. Na variação das categorias do IPCA-15, a inflação de alimentos voltou a acelerar em março (1,25%), após ter apresentado uma moderação em fevereiro (0,63%). Por outro lado, a categoria de preços monitorados apresentou desaceleração significativa, após a normalização dos preços das tarifas de energia. A variação dessa categoria foi de 2,98% em fevereiro e foi de 0,67% em março. Nas categorias endógenas ao ciclo econômico, houve uma surpresa positiva na categoria de bens industriais. Após variar 0,57% em fevereiro, a expansão foi de 0,17% em março. Por fim, os preços de serviços mantiveram alta significativa, passando de 0,68% para 0,66% no período.

Em nossa avaliação o IPCA deverá continuar mantendo um patamar de 5,50% nos próximos meses na média. Com o arrefecimento da economia e as quedas relevantes das commodities cotadas no mercado global, é esperado que ao longo do segundo semestre observemos uma queda para 5,0%. Porém, ainda distante da meta de inflação do BCB, que é de 3%.

CARTA MACROECONÔMICA

Essa combinação de atividade econômica arrefecendo e inflação (em especial de alimentos) elevada, é mortal para a popularidade de qualquer presidente. A pauta do Executivo para os próximos meses é a isenção de Imposto de Renda para rendimentos brutos de até R\$ 5 mil reais mensais, em conjunto com novas peças publicitárias para dar destaque a esses e outros programas, em especial o Pé-de-Meia.

Diante desse cenário, poderemos observar o BCB sendo mais incisivo na comunicação de que o ambiente para o crescimento da economia brasileira deteriorou-se, e eventualmente deixando como simétrico o balanço de riscos para a inflação doméstica, atualmente assimétrico para o risco altista.

Porém, ainda sim o BCB continuará elevando a Taxa Selic nas próximas reuniões. Continuamos esperando um aumento de 50bps em maio e 25bps em junho, encerrando o ciclo de aumento em 15%. O início do processo de queda de juros em nossa opinião será na última reunião deste ano, com um corte de 25bps, terminando o ano de 2025 com a Selic em 14,75%. Para 2026, é esperado um corte mais consistente da taxa básica de juros.

O mercado também vem reagindo ao ambiente global e externo. No mercado de juros soberanos, a taxa nominal de 2 anos fechou 2024 em 15,94% e atualmente está em 14,14%, um recuo de 180bps. Já a taxa nominal de juros de 10 anos passou de 15,21% para 14,82%, no mesmo período, um fechamento de 39bps. A taxa real de juros de 2 anos avançou de 8,02% para 8,39% e a taxa real de 10 anos recuou de 7,66% para 7,53%. Com isso, a inflação implícita de 2 anos recua fortemente de 7,33% para 5,31%, enquanto o vértice de 10 anos passou de 7,01% para 6,77%. Relembrando que o período de análise é a variação em 2025.

Nesse cenário, no mercado de juros soberanos, o CDI avança 3,2% no ano, já o IRF-M avança 5,9% e o IMA-B avança 4,3%. No mercado de juros corporativos, o IDA-DI avança 4,4% no ano. Por fim, o Ibovespa arrefeceu os ganhos no ano e valoriza 5,8%.

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE RENDA FIXA

4UM INFLAÇÃO IMA-B 5 RF LP

Em março de 2025, o fundo 4UM Inflação IMA-B 5 FIRF apresentou um retorno nominal de 0,53%. O seu benchmark, o IMA-B 5, ficou em 0,55%. No acumulado de 2025, o fundo obtém retorno de 3,24%, enquanto seu benchmark valoriza 3,11%. O resultado mensal do fundo equivale à IPCA - 0,38%, enquanto no ano, equivale à IPCA + 1,32% (ou IPCA + 5,55% anualizado).

A contribuição de performance no mês, sob a ótica do retorno por vencimento, foi a seguinte: 1bps em NTN-B 2025, 7bps em NTN-B 2026, 46bps em 2028, 3bps em caixa e -4bps em custos de negociação e despesas, totalizando o retorno nominal de 0,53%. Já a performance no mês, sob a ótica do retorno por componente, foi: 58bps devido ao carregamento médio das posições, 92bps em carregamento de inflação (projeções Anbima), -93bps devido ao fator cotação, que é a variação das taxas indicativas, e -4bps em custos e despesas, resultando novamente no retorno de 0,53%.

As estatísticas da carteira do fundo e do benchmark no final de março de 2025 eram as seguintes: a taxa real de carregamento acima da inflação era de 8,39% para o fundo e de 8,35% para o benchmark, ambos anualizados. Em relação à duration, o fundo tinha uma estatística de 2,35 anos, enquanto o benchmark tinha uma duration de 1,78 anos.

No mês, realizamos a venda total da NTN-B 2025, devido à queda significativa da inflação implícita, a taxa indicativa do papel elevou-se significativamente no período, limitando a performance acumulada. Em relação à composição, no final de março o fundo estava posicionado em 33,67% em NTN-B 2026, 62,11% em 2028 e 4,22% em caixa.

Após um início favorável para os mercados de juros em 2025, com redução nos prêmios tanto das taxas nominais quanto das reais, houve uma reversão dessa tendência no mês de março, porém essa elevação concentrou-se especialmente nos vértices curtos da curva real de juros.

A taxa nominal de 2 anos recuou de 15,1% no fechamento de fevereiro para 14,9% no fechamento de março. Já a taxa nominal de 10 anos recuou de 15,3% para 15,1%. Nas taxas de juros reais, o movimento foi inverso. A taxa real de 2 anos pulou de 7,9% para 8,5% e o vencimento de 10 anos recuou de 7,8% para 7,6%. Ou seja, na curva nominal houve um movimento de redução paralela dos vencimentos e na curva real houve um movimento de elevação na inclinação (vencimento de 2 anos subiu mais do que o vencimento de 10 anos). A consequência foi observar a inflação implícita curta caindo e a longa mantendo-se estável.

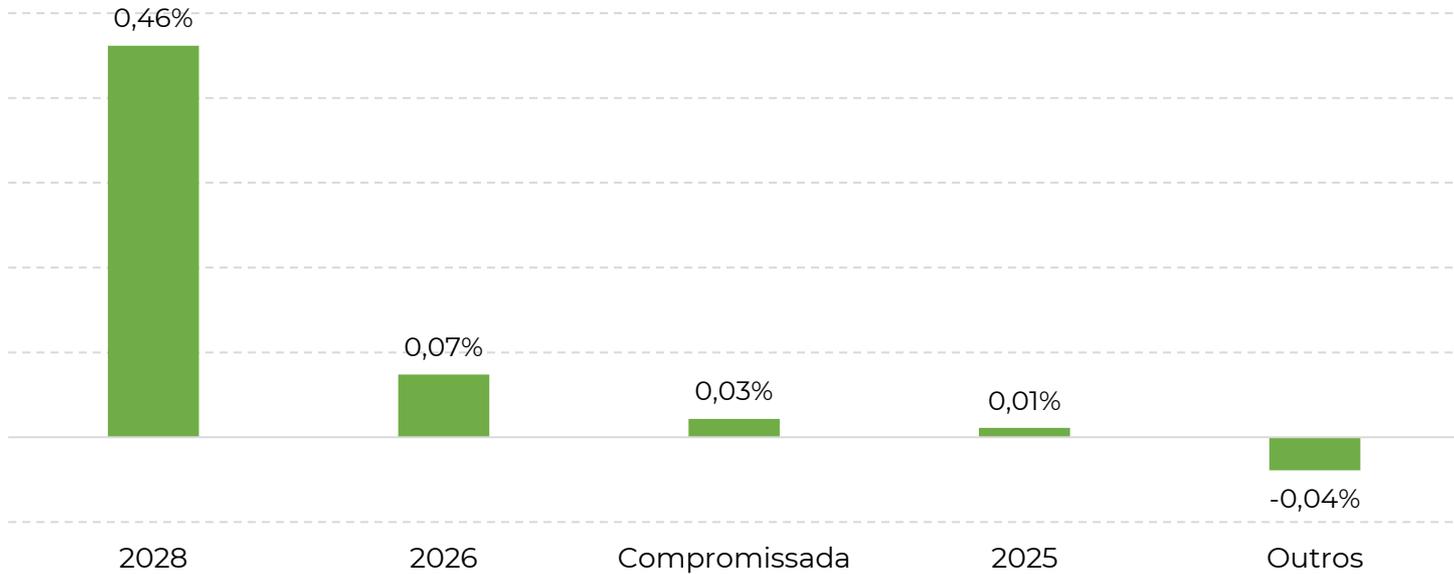
Essa queda da inflação implícita de curto prazo foi reflexo de sinais incipientes da moderação do crescimento da economia brasileira. O PIB do quarto trimestre de 2024 apresentou sinais mistos, enquanto o PIB total cresceu 0,2% no trimestre, o consumo das famílias apresentou uma queda de 1,0%, enquanto as exportações caíram 1,3%. O sustento da demanda veio do consumo público (expansão de 0,6%) e dos investimentos (0,4%), porém ambos desacelerando quando comparado com o terceiro trimestre. Na ótica da oferta, a produção agropecuária recuou 2,3%, a indústria cresceu 0,3% e os serviços variaram 0,1%. O crescimento efetivo de 2024 foi de 3,4%.

O movimento de arrefecimento da atividade continua em 2025, com as pesquisas mensais do IBGE apontando para quedas de volume e a taxa de desemprego avançando marginalmente. Porém, mesmo com essa queda das expectativas de inflação, ainda permanece dúvidas sobre a política fiscal interna e sobre os desdobramentos da guerra tarifária promovida por Donald Trump. Com isso, a queda dos prêmios nominais fica limitada e a consequência dessa conjuntura é a abertura das taxas reais de juros do IMA-B 5.

Para o ano de 2025 ainda estamos convictos de uma reversão dos prêmios da curva real de juros.

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE RENDA FIXA

4UM INFLAÇÃO IMA-B 5 RF LP



	Mês	Ano	12 Meses	24 Meses	36 Meses	Início
Retorno	0,53%	3,24%	5,66%	15,17%	25,89%	55,01%
IMA-B 5	0,55%	3,11%	7,25%	17,58%	29,79%	69,56%

PI médio (12 meses): R\$ 37.804.133,68
Início do fundo: 13/02/2019

Aplicação Inicial	Movimentação Mínima	Saldo Mínimo
R\$ 500,00	R\$ 100,00	R\$ 500,00
Horário Limite (movimentações)	Liquidez	Código ANBIMA
15h00	D+1 útil	489905
Administrador	Gestor	Custodiante
BEM DTVM	4UM GR	Bradesco

Taxa de Administração/Performance

0,40% a.a. / 10% sobre o que exceder o IMA-B 5

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE RENDA FIXA

4UM FI RF CRÉDITO PRIVADO LP

No mês de março de 2025, o 4UM FIRF Crédito Privado apresentou rentabilidade de 1,01%, equivalente a 104,7% do CDI. Em relação às classes de ativos, terminamos o mês com 60,1% do PL do fundo alocados em Crédito Privado, estando distribuída entre Debêntures (26,1%) e ativos de Instituições Financeiras (35,0%). A parcela de caixa encerrou o mês representado 29,9% do PL. Por último, a parcela de Operações de Termo foi responsável pelo restante dos 9,0% da alocação.

No mês, o número de novas operações a termo no 4UM Crédito Privado foi de 58, com financeiro médio próximo a R\$219,1 mil e prazo médio de 58 dias. Ao todo, foram liquidadas 84 operações, sendo que 39,3% destas foram de maneira antecipada. O resultado das operações liquidadas foi de 160% do CDI. Notamos que nos últimos meses o prazo médio de novos termos vem diminuindo, entendemos que o grande motivador são os abruptos movimentos de curto prazo na bolsa somado a incerteza de cenário interno e externo.

Março foi um mês misto em relação ao movimento dos spreads, alguns papéis apresentaram aberturas pontuais e outros fechamento. O primário segue pouco aquecido, fruto de um 2024 extremamente forte em captações, com adiantamentos de rolagem e recompra de dívidas nos mais altos níveis da série histórica de dados. O secundário segue agitado, a liquidez elevada reflete a situação oposta do primário, visto que fundos seguem procurando por créditos.

O spread da carteira de crédito encerrou o mês com carregamento médio ponderado de CDI + 0,85%, fechamento de 7bps em relação ao mês anterior. Em março conseguimos auferir boas oportunidades de crédito privado em um determinado tipo de ativo, as LFSCs (Letra Financeira Elegível - Capital Complementar), tipicamente conhecidas como “perpétuas”. Apesar do nome, o emissor tem uma data de recall (5º ano a partir da emissão) onde poderá optar por alongar o vencimento ou pagar o principal. Tais ativos são subordinados às LFs Sênior e por isso possuem prêmios superiores, mesmo em instituições financeiras de grande porte. Por carregarem consigo uma cláusula de extinção, ou seja, a partir de determinado resultado negativo do banco o débito é considerado extinto, sempre optamos por adquirir ativos de instituições de alta segurança e que historicamente apresentam sólidos resultados, mitigando ao máximo essa possibilidade. Possuem como principal vantagem ao emissor sua participação na estrutura de capital da instituição, sendo incluída para o cálculo de Basileia. O fundo adquiriu tais ativos dos bancos Safra, Santander e BTG durante o mês de março, todas são instituições de importância sistêmica.

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE RENDA FIXA

4UM FI RF CRÉDITO PRIVADO LP



	Mês	Ano	12 Meses	24 Meses	36 Meses	Início
Retorno	1,01%	3,27%	12,31%	28,10%	46,18%	69,24%
% CDI	104,70%	109,70%	109,24%	112,31%	110,95%	110,09%

PI médio (12 meses): R\$ 229.963.641,86
Início do fundo: 14/03/2019

Aplicação Inicial	Movimentação Mínima	Saldo Mínimo
R\$ 500,00	R\$ 100,00	R\$ 500,00
Horário Limite (movimentações)	Liquidez	Código ANBIMA
15h00	D+20 úteis	491322
Administrador	Gestor	Custodiante
BEM DTVM	4UM GR	Bradesco

Taxa de Administração/Performance

0,00% a.a. / 20% sobre o que exceder 104% do CDI

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

RENDA FIXA

	Aplicação Inicial	Movimentação Mínima	Saldo Mínimo
4UM Inflação IMA-B 5 FI RF LP	R\$ 500,00	R\$ 100,00	R\$ 500,00
4UM FI RF Crédito Privado LP	R\$500,00	R\$100,00	R\$500,00

	Horário Limite (movimentações)	Liquidez	Código ANBIMA
4UM Inflação IMA-B 5 FI RF LP	14h30	D+1 útil	489905
4UM FI RF Crédito Privado LP	14h30	D+20 úteis	491322

	Administrador	Gestor	Custodiante
4UM Inflação IMA-B 5 FI RF LP	BEM DTVM	4UM GR	Bradesco
4UM FI RF Crédito Privado LP	BEM DTVM	4UM GR	Bradesco

Taxa de Administração/Performance

4UM Inflação IMA-B 5 FI RF LP	0,40% a.a. / 10% sobre o que exceder o IMA-B 5
4UM FI RF Crédito Privado LP	0,00% a.a. / 20% sobre o que exceder 104% do CDI

DTVM

4UM Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S.A.
CNPJ: 76.621.457/0001-85
Rua Visconde do Rio Branco, 1488, 4º andar
Curitiba – Paraná
CEP: 80420-210
Telefone: (41) 3351-9966
atendimento@4um.com.br
www.4um.com.br

Ouvidoria: 0800 645 6094

GESTÃO

4UM Gestão de Recursos Ltda.
CNPJ: 03.983.856/0001-12
Rua Visconde do Rio Branco, 1488, 4º andar
Curitiba – Paraná
CEP: 80420-210
Telefone: (41) 3351-9966
atendimento@4um.com.br
www.4um.com.br

Ouvidoria: 0800 645 6094

Este é um material de divulgação com fins informativos e não deve servir como única base para tomada de decisões de investimento, nem deve ser considerada uma oferta para aquisição de cotas. Leia a lâmina de informações essenciais, o regulamento e o material técnico denominado como "Informativo Mensal" antes de investir, os quais podem ser obtidos no site do administrador/gestor, 4UM Investimentos, bem como os selos ANBIMA em www.4um.com.br. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Os investimentos em fundos não são garantidos pelo administrador ou por qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, pelo Fundo Garantidor de Crédito. Principais fatores de risco: Risco de Crédito, caracterizado pela possibilidade de que os emissores de títulos e valores mobiliários integrantes da carteira do FUNDO ou as contrapartes do FUNDO nas operações realizadas com seus títulos e valores mobiliários não cumpram suas obrigações; Risco de Mercado, caracterizado pela possibilidade de variação do preço ou rendimento dos títulos e valores mobiliários integrantes da carteira do FUNDO, em função de alterações nos fatores de mercado que os determinam; Risco de Liquidez, caracterizado pela possibilidade de haver pouca ou nenhuma demanda pelos títulos e valores mobiliários integrantes da carteira do FUNDO nos mercados em que são negociados, devido a condições específicas desses títulos e valores mobiliários ou dos mercados em que são negociados. Supervisão e Fiscalização: Comissão de Valores Mobiliários – CVM. Serviço de Atendimento ao Cidadão em www.cvm.gov.br.

Signatory of:

